

Memórias que edificaram a “Capital da Esperança” – uma leitura possível sobre Brasília

Viviane Gomes de Ceballos

Resumo: Anos 50. Envoltura numa atmosfera de otimismo e proposição Brasília ganha vida no Planalto Central brasileiro. Sua existência está atrelada à vida de milhares de pessoas que mobilizadas pela possibilidade de “fazerem a vida” no Planalto Central, se dispuseram a viver uma nova experiência: edificar a nova capital do Brasil. As falas dos candangos trazem o sentimento de terem ajudado Juscelino a construir a cidade: “(...) *nós somos praticamente os criadores de Brasília, juntamente com Juscelino, que ele não poderia fazer Brasília sozinho*”, afirmava o senhor Gabriel Nogueira, morador da Vila Planalto. Falas também marcadas por um misto de esperança e decepção; fascínio e abandono. Este trabalho discute o investimento na elaboração de uma memória institucionalizada da cidade que vai, a meu ver, informar as falas e o viver de seus moradores.

Abstract: 1950. Brasília is built in an atmosphere of optimism and positivity. Its existence is clue to a thousand people’s life that been mobilized to the possibility of improving their lives in the Planalto Central. They been motivated to be part of a new experience – built a new city – the new capital of Brazil. The Candango’s speech show this feeling: “(...) *we’re almost the creators of Brasília, with Juscelino, cause He couldn’t built the city without our help*”, mr. Gabriel Nogueira, inhabitant of Vila Planalto. Their speeches are full of hope, disappointment. This article aims is to study the construction of an institutional memory of the city. This memory will influence the speeches of these characters and the way that they live their lives. How they see the monuments of modernity built on the city, and how they incorporate the built process of the city as part of their own lives.

Erguida em alto e soberbo mirante, / BRASÍLIA é o despertar do Gigante. / É o vibrar de milhões de brasileiros, / a proclamar em gritos altaneiros: / “Custe trabalho e noites de vigília, / mas, pelo Brasil, faça-se BRASÍLIA. (SILVA, 1971: 246)

Pensar a memória do indivíduo como algo que depende das relações que ele estabelece, implica entender que suas lembranças são uma atualização, uma ressignificação do passado, pois, “a memória é desencadeada de um lugar, e este se situa no presente”. (SEIXAS, 2002: 62) Aqueles que são incitados a lembrar dão à sua memória contornos próprios dessa vivência, não se pode pensar, portanto, que seria diferente com os pioneiros de Brasília. “Lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reparição do feito e do ido, não sua mera repetição”. (BOSI, 1994: 20) Entender como as pessoas que viveram o momento de construção da cidade relembram, refazem e redimensionam essa experiência é mais uma porta de inserção na cidade que me parece crucial para a elaboração de uma história de Brasília.

* Doutoranda em História e Mestre pela Unicamp; Professora da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/CFP).

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. (HALBWACHS, 1990: 34)

É isso! Eu pensei. As pessoas que vivem em Brasília fazem, ou fizeram parte de uma sociabilidade que girava em torno do ideal de modernidade e de bem-estar que aquela cidade pretendia suscitar. No entanto, pensar o indivíduo enquanto parte de um grupo social não o diminui enquanto sujeito histórico.

Mas a memória, assim como a história, não pode ser pensada como um ato inocente. Muito pelo contrário, elas têm uma intencionalidade política e social. Acredito que mesmo a memória involuntária, aquela que lhe vem ao acaso, como diz Proust, quando atualizada em lembrança passa pelo crivo do intelecto. O indivíduo seleciona o que quer lembrar, e constrói para si um desenho que julgue interessante; assim como o historiador faz quando recorta um tempo e um espaço para trabalhar; assim como escolhe fatos que quer mencionar para falar de um momento e criar uma imagem que seja interessante; assim como foi o investimento em delinear fatos, lugares e pessoas que deveriam ser lembradas, ou mesmo sacralizadas, quando se escreve a história de Brasília. Há escolhas, há uma dinâmica de lembrança e esquecimento que não pode ser desconsiderada.

“Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais”. (NORA, 1993: 07) Pierre Nora ensina que não podemos mais pensar numa memória espontânea, uma memória que não esteja atravessada, ou mesmo moldada pela história. O tempo da memória se espacializa e se materializa em seus signos, assim a memória espontânea não mais existiria, mas sim uma memória historicizada, uma memória reconstituída pelo olhar da história. Assim são criados os lugares de memória.

Os lugares de memória surgem da sensação de não mais haver memória. A memória deve ser criada e visualizada em museus, arquivos, celebrações, etc., porque deixou de ser espontânea.

Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles [lugares de memória] envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. (NORA, 1993: 13)

O “boom” da memória, a necessidade de lhe consagrar lugares fez de cada um de nós “historiadores de nós mesmos”. O dever de memória mobilizou os grupos a definirem sua identidade e a construírem a sua memória. É como se a única memória a que tivéssemos

acesso fosse a memória historicizada. A memória afetiva, espontânea, plural, não mais existiria, ou não mais seria acessível.

Dessa forma, pergunto-me se para as pessoas que vivem em Brasília, os signos de modernidade – tão caros aos seus artistas oficiais – são reconhecidos também por essas pessoas que participaram da sua construção. Elas mantêm com esses signos uma relação de identificação, ou eles acabam sendo apenas mais uma referência do trabalho realizado? Conhecer essa cidade pelos olhos daqueles que a construíram, descobrir que nuances todo o discurso empreendido pelos meios “oficiais” ganha quando apropriado por esses tantos outros personagens é o meu desafio neste texto.

Exercitar a memória... reconstruir Brasília

Se este livro tivesse sido escrito em francês, Saint-Exupéry o poderia assinar. Foi feito em prosa, mas é o poema de Brasília. É um diário que fala e faz chorar de saudade. Saudade da hora mais trepidante do Brasil, quando a nação inteira vibrou, cantando, no estribilho do martelo e do cimento, a glória dos candangos que realizaram o sonho bissecular de rasgar no planalto o amanhã de meu país. Juscelino Kubitschek

Foi lançada em 1968 a primeira edição do livro, “Invenção da Cidade”, escrito pelo jornalista Clemente Luz (1982). Israel Pinheiro, que prefacia o livro, afirma que este “apresenta uma visão ampla da construção, da inauguração e dos primeiros tempos da vida de Brasília”. Clemente Luz chegou em Brasília no ano de 1958, para trabalhar como redator da Rádio Nacional de Brasília e como correspondente da Agência Meridional e da Agência Nacional, sendo, poucos dias depois de sua chegada, incumbido de escrever uma crônica diária sobre a gigantesca construção da cidade. Seus escritos foram reunidos neste livro sem sofrer alterações, o que para ele garantiria ao leitor uma visão mais “crua” dos acontecimentos sobre o dia-a-dia da construção da cidade. O meu olhar debruçou-se mais profundamente no momento em que Luz se dedica a falar sobre o dia-a-dia dos candangos.¹

As crônicas foram escritas de tal forma que chega a criar para o leitor uma atmosfera tão densa, quase palpável, daqueles dias em que o tempo não era medido pela claridade ou pela escuridão, mas como diz “a divisão é feita pelos turnos de trabalho, pelo chamado das sirenas, pelo roncar compassado dos geradores”. (CLEMENTE, 1982: 41)

¹ Manuel Mendes afirma que “o termo ‘candango’ tinha sentido pejorativo e era empregado para designar os operários. Só na inauguração da Capital, quando foi usado como elogio pelo presidente Juscelino, para identificar aqueles que construíram a cidade, o termo passou a ser sinônimo de pioneiro e um gentílico para identificar as pessoas que nascem ou vivem em Brasília”. MENDES, Manoel. Meu testemunho de Brasília. 2 ed. Brasília, Thesaurus, 1997, p. 20.

Há nos depoimentos sobre a cidade uma atmosfera de otimismo e esperança que parece pairar e se sobrepor a todas as dificuldades que aquele empreendimento significou. As falas dos candangos que ajudaram a edificar a cidade parecem crivadas pelas dificuldades que tiveram que vencer, mas isso não obscurece o sentimento de dever cumprido e de que eles tiveram um papel muito importante nesse momento da história do Brasil; afinal, tinham ajudado JK a edificar a capital do Brasil. Brasília era, para cada um deles, um filho, a realização de uma vida.

Suzana Conceição Mendonça² trabalhou como cozinheira e lavadeira nos acampamentos de Brasília e atribui à cidade um papel importante em sua vida:

Eu achei isso muito importante para a minha vida, de ter conhecido essa cidade linda e... e suave como ela é. Uma cidade menina, que eu vi nascer Brasília, como eu estou te falando. (...) eu quero bem a ela como eu quero bem minhas filhas... mesma coisa. Eu tenho amor a Brasília”. (sic.) (MENDONÇA, 1990)

Para Suzana assim como para muitos outros personagens dessa história era difícil imaginar a cidade construída, afinal ao chegarem lá, deparavam-se apenas com um gigantesco “canteiro de obras”. O tecido que constitui a cidade de Brasília foi possível pelo trançar de fios de variados espaços do país, tornando sua paisagem ainda mais bela e instigante. Os sulcos que marcam suas ruas marcam também a face e a vida desses tantos personagens que a tornaram e a tornam viva.

Luciano Pereira³ foi considerado o primeiro funcionário de Brasília. Foi escalado para ser administrador do Catetinho, ele diz, “Vi uma capital nascer, isso aqui era só cerrado e bicho (...) Hoje to vendo tudo isso aí, não é de orgulhar disso, gente? O que eu quero mais? Estou satisfeito”. (PEREIRA, 1990) Assim como Luciano, Manoel Mendes ficara impressionado com a precariedade daquele sítio.

Já no pátio do aeroporto, de terra, olhei em torno. Nada. Silêncio. Céu azul. Nuvens brancas. Horizontes amplos e o cerrado igual por todos os lados. Desolação. Brasília era ainda um sonho, uma vaga esperança. Uma promessa da qual quase todos duvidavam. (MENDES, 1997)

² Suzana Conceição Mendonça, nasceu no dia 10 de agosto de 1929 em Santa Cruz de Inharé (RN). Chegou em Brasília em outubro de 1958, trabalhou como camareira, cozinheira e lavadeira e não possuía vínculo com qualquer empresa.

³ Luciano Pereira, nasceu no dia 02 de janeiro de 1924 em Luziânia (GO). Vive em Brasília desde 1956 quando fora requisitado da Força Aérea Brasileira para atuar como guarda da pista de pouso de Brasília. Posteriormente, tornou-se administrador do Catetinho.

Ir pra Brasília naquela época era mesmo uma aventura. Mas uma aventura marcada pelo otimismo, pela esperança e por um sentimento de cumprimento do dever que aparece expresso nas falas dos seus tantos pioneiros.

A convivência com os percalços de uma cidade em construção marcava a vida de cada um desses personagens, constituíam crivos que compunham os mapas de suas trajetórias. Mas o que teria motivado a vinda dessas pessoas para um local desconhecido e sem estrutura? Qual teria sido a primeira impressão sobre o local?

Para Severino dos Santos⁴ a aventura, muito mais que as oportunidades, parecem ter sido a motivação para ir para Brasília. Ele diz: “...eu vim à procura de aventura, junto com meu amigo (...) Mas eu vim eufórico e continuei eufórico em Brasília”. (SANTOS, 1990) Esse mesmo sentimento de aventura está presente na fala de José Irismar⁵, “saí com 17 anos, aí vim, como bom cearense, sempre sou aventureiro, vim para Goiás e Goiás comecei trabalhar em lavoura, aí surgiu Brasília. Aí eu como aventureiro vim parar aqui”. (SOEIRO, 1990) (*sic.*) Irismar conta que a vida em Brasília era muito boa para quem era solteiro como ele – tinha bons salários, comida, e podiam divertir-se na ZBM (zona de baixo meretrício). Para ele ser solteiro na Brasília em construção, ir se divertir na ZBM na Cidade Livre, e poder tomar umas cachaças com os amigos também eram instâncias da edificação da cidade.

Em todos os cantos do país as informações sobre a construção de Brasília chegavam e com elas as esperanças, para muitos, de construir uma vida melhor, mais digna, ou, simplesmente, a necessidade de aventura. Toda essa euforia, no entanto, estava perpassada pela dúvida, no momento de chegada à cidade, se aquilo que estava diante de seus olhos viria a ser mesmo uma cidade. Quando indagado sobre a sua primeira impressão sobre a cidade em edificação, Irismar afirma:

Não pude ter impressão de nada, eu digo: Oh, meu Deus, será que isso aqui vai ser uma cidade? O que eu pensei foi isso. Porque era só mato, e eu vinha apontando máquina pra desbravar isso aí, tinha nada. (SOEIRO, 1990)

O chamado “ritmo de Brasília” aparece na historiografia como forma de descrever o ritmo dos trabalhadores, que tinham que cumprir os prazos estabelecidos pelo presidente para

⁴ Severino Manoel dos Santos, paraibano nascido na cidade de Alagoa Grande no dia 28 de julho de 1930. Chegou em Brasília em abril de 1958 foi membro da Guarda Rural da Novacap.

⁵ José Irismar Soeiro, nasceu no dia 04 de setembro de 1932 na cidade de Marco (CE). Chegou em Brasília no ano de 1957 e trabalhou como servente de pedreiro na Fundação da Casa Popular e, posteriormente, como apontador fiscal da Novacap.

a inauguração da cidade. Em muitos depoimentos de candangos, o ritmo de trabalho em Brasília aparece descrito como referência para marcar o próprio tempo de suas vidas.

O imaginário de possibilidades e de aventura que envolvia a construção da cidade reforçava-se pela proximidade de alguns desses candangos com os “artistas oficiais” da construção de Brasília. A possibilidade de ver e conviver com pessoas como o presidente Juscelino Kubitschek, com Israel Pinheiro, Oscar Niemeyer, ou até mesmo com os engenheiros responsáveis por cada uma das obras é um aspecto de positividade que aparece em todos os depoimentos de trabalhadores manuais recolhidos pelos pesquisadores do Arquivo Público. O senhor José Ferreira⁶, por exemplo, chegou à Brasília para trabalhar com Bernardo Sayão (fora inclusive Sayão que o teria convidado para trabalhar na cidade), e considerava o presidente Kubitschek “igual a um candango qualquer”. (OLIVEIRA, 1990) Essa imagem de proximidade era possibilitada, dentre outras coisas, por Juscelino estar sempre visitando as obras, era como José Cosme⁷ afirmou em seu depoimento, “na outra semana, já Juscelino de novo, toda a semana ele vinha e voltava e foi antes de inaugurar a capital”. (SILVA, 1990) Um homem que não apenas estava em Brasília, mas fazia questão de manter um contato direto com os trabalhadores. É assim que Delcídes Silva⁸ descreve essas relações:

Falei sobre JK, que realmente era um homem público. Um homem popular, era um homem que a gente tava trabalhando com máquinas, ele descia naquele helicóptero, abraçava todo mundo, pegava na mão de todo mundo, ele era um homem popular. (SILVA, 1990)

É claro que não foram todos os candangos que tiveram a oportunidade de conviver tão próximo a esses homens; apenas aqueles que assumiram funções que permitiam essa proximidade. Aos outros eram garantidos momentos raros – como ao senhor Manoel Pereira⁹, que afirmava que o contato com eles “era mínimo, porque eles eram chefões, poucas vezes a

⁶ José Ferreira de Oliveira, natural de Bonfim (MG), nascido em 5 de janeiro de 1923. Chegou em Brasília ainda em novembro de 1956 e trabalhou como motorista contratado pela Novacap.

⁷ José Cosme da Silva, nasceu em Coronel Ezequiel (RN), no dia 13 de maio de 1935. Chegou em Brasília no dia 03 de novembro de 1957. Foi servente de pedreiro e motorista e trabalhou em empresas como Enal – Engenharia e Arquitetura Ltda., Construtora Rabello e Novacap.

⁸ Delcídes Abadia Silva, nasceu no dia 15 de agosto de 1940 na cidade de Goiânia (GO). Chegou em Brasília no ano de 1957, trabalhou como operador cinematográfico no Cine Bandeirante e, posteriormente, ajudante de topografia na Companhia Construtora Brasileira de Estradas (CCBE).

⁹ Manoel Pereira da Silva, nasceu em Bom Jesus (PI) no dia 18 de maio de 1936. Em Brasília desde dezembro de 1957 onde trabalhou como servente e pedreiro, na construtora Pacheco Fernandes Dantas, na Juber Vieira Rezende, na Ecisa e na Novacap.

gente via eles. Não saíam pra gente ver porque a gente era peão de obra, trabalhava na obra, não tinha oportunidade quase de ver eles”. (SILVA, 1990)

Os depoimentos sobre o dia-a-dia da construção não versam apenas sobre os pontos positivos daquele período. Os acidentes de trabalho, por exemplo, ou mesmo a falta de estrutura (comida, alojamentos, segurança) aparece como referência para alguns destes pioneiros. Mas o evento que mais comparece em seus depoimentos refere-se ao levante dos trabalhadores ocorrido no acampamento da Construtora Pacheco Fernandes Dantas. Os textos que mencionam esse incidente e a maioria dos depoimentos estudados relatam a brutalidade da GEB (Guarda Especial de Brasília), no entanto, paradoxalmente, o senhor Severino dos Santos, que trabalhou como policial em Brasília conta que a GEB ainda não tinha sido formada¹⁰, o que existia em Brasília era a Guarda Policial (GP), chefiada por Israel Pinheiro, e a Guarda Rural da Novacap (GRN) chefiada por Íris Meinberg. À Guarda Policial cabia garantir a segurança do setor urbano – a saber da Cidade Livre, da própria sede da Novacap, das autoridades, etc.

Severino Santos conta que no dia do levante não fora convocado para o serviço. Mas faz um relato de acordo com as informações que chegaram para ele. Severino afirma que na Pacheco Fernandes trabalhavam cerca de 3 mil pessoas. Num dia que a comida servida estava estragada, eles se revoltaram e deu-se o levante.

Mesmo sem ter presenciado o incidente, Severino consegue dar uma versão da história que representa bem o seu espaço de atuação. Como membro das guardas ele cria uma imagem do ocorrido como se o ocorrido tivesse apenas uma via de interpretação: os operários desafiaram e ameaçaram os policiais que tiveram que reagir para não serem mortos. No entanto, um depoimento como o do senhor Eronildes Queiroz¹¹ que trabalhou como

¹⁰ Não há nos documentos consultados, ou nos textos historiográficos, referências à data precisa de formação da GEB, os textos mencionam a atuação da GEB (especialmente com relação ao levante de trabalhadores na Pacheco Fernandes), mas não mencionam o momento em que ela foi criada. Com relação ao início da Guarda Especial de Brasília, Geraldo I. Joffily afirma que “com a organização da NOVACAP foi criado um organismo paramilitar, que se chamou, Guarda Especial de Brasília, conhecida pela sigla GEB, espécie de grupo de segurança ou guarda policial, infundindo mais temor do que respeito. Era comandada por um general reformado e alguns oficiais militares, atuando, de fato, pela orientação rotineira de alguns delegados ou comissários vindos das polícias de Minas Gerais ou Goiás”. JOFFILY, Geraldo Irenêo. “Capítulo VI – Os tempos heróicos”. In: Brasília e sua Ideologia. Brasília, Thesaurus, 1977, p. 52.

O texto de Ernesto Silva, por sua vez, traz uma referência ao momento de criação do que chamou de primeira polícia de Brasília, apresentando dados que nos permite induzir que fala do mesmo momento a que se refere Joffily. “Divisão de Segurança da Novacap – criada em março de 1957, chefiada pelo Coronel reformado da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, Antônio Muzzi, o qual tinha sob seu comando 25 guardas e os primeiros auxiliares: o identificador George Renato Blasi, o escrivão Hugo Tilmann e o fotógrafo José Guimarães”. SILVA, Ernesto. *História de Brasília*. Brasília, Coordenada / INL, 1971, p. 235.

¹¹ Eronildes Guerra de Queiroz, natural de São José de Siriji (PE), nascido em 22 de setembro de 1935. Chegou em Brasília em abril de 1957 e trabalhou como servente, motorista e cozinheiro da Construtora Pacheco

cozinheiro na Pacheco Fernandes na época do levante, permite perceber como o evento ganha contornos outros – muito embora a dimensão da violência seja um dos aspectos comuns.

Naquela época que houve uma matança, naquela época eu tava lá. Eu tava na cozinha, eu era cozinheiro. O interessante que separaram os cozinheiro, aquilo ali foi o seguinte: aquilo ali veio três armador do Bandeirante, num dia de sábado, veio já sábado de tardinha, três armador pediram jantar, puseram, pusemos o jantar pra eles. Aí quando pusemos o jantar, eles começaram a quebrar tudo. O jantar não tava bom. Aí, o sargento Valdivino chamou a polícia. Aí, veio um jipe com três policial. Aí, prenderam os caras, aí, cercaram mais de 3 mil operário, peão, operário de toda classe. Cercaram lá pra não deixar a polícia levar os cara. Aí quando foi já 6 e meia, por aí assim, o Plesmo, que era o chefe do almoxarifado, o Plesmo, o irmão dele, que eu não sei mais o nome, e o Simão, que era um chefe de obra muito pesado, e parece que o Pascoal, também, era outro chefe de obra pesado da Pacheco Fernandes, e o... Eu acho que foi só esses três, eu acho... foi só esses três, foi. Chamaram a polícia dizendo que já tinha sido morto um dos soldado. Ligaram pra GEB, aqui no Núcleo de Custódia, dizendo que já tinha sido morto um soldado. Aí veio aquele choque enorme, um monte de choque. Chegou lá e separaram. Já vinha com, chegou lá, conversaram com a polícia que no cozinheiro ninguém mexia. Era só a turma da obra. Aí eles entraram. (...) Aí quem não enfrentava a fila e que corria eles metiam fogo. Metiam bala, sem dó. Teve nego que morreu engalhado no arame, pulando, que tinha a cerca que passava pra Rabello. (...) Encalhado no arame, pendurado no arame. Operário trabalhando. Outros foram correr os acampamento, daí tinha nego dormindo e teve nego que morreu na cama dormindo, que eles atiravam naqueles caras que tavam correndo, às vezes errava, a bala pegava na tábua, que era tudo tábua naquela época, e matava o cara dentro que tava dormindo na cama. (...) Eles entravam no acampamento e mandava o cara levantar, o cara dormindo, levantava atordoado. Às vezes, ele não gostava da cara do cara, o cara demorava a levantar, ele atirava no sujeito e matava na cama. O sujeito dormindo inocente sem saber de nada, inocentemente, inocentemente. A coisa mais terrível do mundo. (...) O maior tiroteio, um tiroteio desgraçado. Parecia um banguê-banguê. Uma coisa terrível. E eu tava dentro da cozinha nessa hora. Eu tava, fiquei escondido dentro da cozinha. Olhando tudo pelas brechas lá. Eu e os cozinheiros que tava mais eu, era até o chefe da cozinha. (...) Mas o que mais me chocou mesmo foi aquela morte daqueles cara que morreram dormindo, foi o que mais me chocou. (QUEIROZ, 1990)

Dos depoimentos que tenho em mãos apenas o senhor Eronildes presenciou o ocorrido, os outros constroem uma narrativa a partir de impressões e de experiências que tiveram no pós-incidente.

Este incidente, como alguns outros que tiveram menor impacto no cotidiano dessas pessoas, ajudou a criar uma imagem bem negativa da GEB, da polícia de Brasília. Como afirmou Severino algumas pessoas chegavam a dizer que os guardas eram escolhidos aleatoriamente. Ouso dizer que este não é um depoimento isolado. Vários são os depoimentos em que afirmam que as pessoas eram escolhidas de improviso, não precisavam ter qualificação apenas serem fortes e terem disposição para enfrentarem situações de risco, assim como estava sendo feita com as demais funções necessárias a construção da cidade.

Fernandes Dantas. Presenciou o incidente entre a Guarda Especial de Brasília (GEB) e operários da Construtora, ocorrido em 1959.

Contudo, mesmo que em sua maioria os depoimentos condenem, ou apenas questionem, a postura da GEB, a brutalidade com que lidaram com a situação chama a atenção nos depoimentos. Um deles, do senhor José Ferreira de Oliveira, que afirma que para criar a GEB “pegava mais era os nordestino, o nordestino naquele tempo, dava, era bom pra meter o cassete em nego. É tanto que eles... muitos deles... escolhia a turma de nordestino, porque a turma não tinha medo de nada”. (OLIVEIRA, 1990)

Dentre os textos historiográficos, apenas no livro de Geraldo Irenêo Joffily, “Brasília e sua Ideologia”, encontrei referências ao ocorrido na construtora Pacheco Fernandes Dantas. O percurso feito por Joffily se aproxima da narrativa de alguns depoimentos: inicia com uma crítica à forma como os praças foram escolhidos – “eram escolhidos entre os candangos de maior porte e alguns ferozes elementos da polícia goiana. (...) a GEB, espécie de grupo de segurança ou guarda policial, infundindo mais temor do que respeito”. (JOFFILY, 1977: 52) Segundo Joffily, a preocupação dessa guarda, organizada de forma tão precária e primária, deveria ser apenas uma: possibilitar a construção de Brasília. Diante de uma organização como esta, muitas construtoras mantinham seus próprios corpos de segurança, não admitindo qualquer interferência da GEB em seus acampamentos. Caberia a GEB manter a ordem; tinha assim “maior campo de ação no pandemônio da Cidade Livre”. (JOFFILY, 1977: 53) No entanto, ele chama atenção ao incidente ocorrido na Pacheco Fernandes, recorrendo à reportagem do *Jornal do Brasil*, intitulada “A chacina que sujou a história da PM de Brasília”, publicada em 1968. Reproduzo abaixo as citações que, segundo Joffily, contam com isenção os fatos.

A Guarda Especial de Brasília traz antigas tristezas... Outros, no entanto, preferem dizer que na improvisação dos primeiros anos da construção as coisas teriam que ser daquele jeito.

O mais brutal de todos, ninguém contesta, embora se ofereça mais de uma versão, foi o metralhamento de dezenas de operários na semana de carnaval de 1959. Pela versão que corre nos meios oficiais, os responsáveis pelo acampamento da Construtora Pacheco Fernandes (encarregada da construção dos palácios) solicitaram ao Comando da GEB o envio de homens para abafar a algazarra que operários promoviam na cantina daquela firma, como protesto coletivo contra a má qualidade da comida. Um choque da GEB chegou ao local e foi surrado pelos operários. Um dos guardas conseguiu escapar e foi ao quartel dizer que seus companheiros estavam sendo massacrados. Imediatamente, sem ordem superior, toda a Guarda partiu para o acampamento e metralhou os operários no pátio.

Por outra versão (diz o mesmo artigo), que não corre nos meios oficiais, o acampamento da Pacheco Fernandes sempre oferecia aos trabalhadores comida de má qualidade e cortavam-lhes o fornecimento de água, fosse para higiene pessoal ou para o preparo de comida. Todas as vezes que isso acontecia, os operários, cansados com a repetição dos fatos, protestavam ruidosamente. Numa das vezes, os responsáveis pelo acampamento solicitaram ao Comando da GEB que enviasse grande quantidade de homens armados para abafar a manifestação, que era mais intensa. Chegando no local, ainda nos carros, os guardas acionaram as metralhadoras, cercaram o pátio e invadiram os alojamentos, disparando sobre homens que dormiam amontoados em beliches. Ninguém contesta que foram necessários caminhões basculantes para carregar os cadáveres, enterrados em uma vala, aberta às pressas por tratores, longe da cidade. (JOFFILY, 1977: 53-54)

O interessante no texto de Joffily é que ele apresenta o evento de forma a dar as duas versões correntes à época. Vemos que a versão apresentada e que, segundo ele, não

corre nos meios oficiais” aproxima-se mais das falas dos candangos apresentadas acima. Sem a intenção de afirmar que uma versão é mais verdadeira que a outra – até porque a documentação que tenho não me possibilita fazer quaisquer assertivas sobre o assunto. Chamo atenção apenas ao fato de ter sido ele, dentre os textos a que tive acesso, o único a tratar do assunto, não havendo em quaisquer outros que se propunham a escrever a história da cidade, ou mesmo do dia-a-dia da construção, registros sobre o ocorrido. Como afirmava o senhor José Cosme, “a ordem da polícia era não falar para não minar. Porque foi nos princípio de Brasília. Dizem que no Rio de Janeiro, a sede no Rio de Janeiro não queria que fizesse Brasília e então eles facilitava tudo, comentário nenhum pra poder os pessoal vim pra Brasília, não falar mal de Brasília. (SILVA, 1990)

Esse investimento no “abafar” esses incidentes não impedia que as informações circulassem e trouxessem à tona aspectos que punham em cheque a imagem positiva que se buscava instituir para a cidade. Mesmo que ocorressem incidentes como este – embora em proporções menores – os anos JK e a construção de Brasília ganharam um significado positivo e edificador na vida desses personagens que atrelaram a história da cidade à sua própria história. Os traçados das ruas da cidade parecem ser também os crivos que marcam seus rostos, seus corpos e suas trajetórias pessoais, uma vez que se identificam com ela e fazem dela uma referência. Ainda que os depoimentos priorizem algumas imagens, como a de marco de progresso para o Brasil – “Brasília foi o marco de todo o progresso do Brasil. (...) tudo começou em prol de Brasília, sem Brasília nada disso teria acontecido, por isso eu acho que aqui foi a meta pra todo o progresso do, a arrancada final, pra todo o progresso”. (SILVA, 1990); de valorização das terras de Goiás; ou mesmo de identificação com a cidade – “vir

para Brasília foi o passo mais sério que Deus encaminhou” (SILVA, 1990), acredito que a definição do significado de Brasília apresentada por Severino Manoel dos Santos parece dar conta de, em poucas palavras, reunir um sentimento que partilhou com outros milhares de pessoas:

Eu acho e acredito que Brasília foi o descobrir de um Brasil. Acho que Brasília...foi o restinho do lençol retirado de cima da cauda do gigante. Bom, meu pensamento é este. É porque o gigante, estava dormindo só com os olhos abertos, não é? Mas não estava em pé. E Juscelino veio, e fez o bicho ficar em pé, a minha maneira rude de pensar é isso assim, viu? O Brasil de fato, com a criação de Brasília passou a ser o gigante mesmo, mas um gigante acordado. Um gigante... um gigante se mexendo... entendeu?

Referências Bibliográficas

- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. 3 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- GUIMARÃES, Silva. Fiat Brasília. In SILVA, Ernesto. *História de Brasília*. Brasília: Coordenada / INL, 1971.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- JOFFILY, Geraldo Irenêo. *Brasília e sua Ideologia*. Brasília, Thesaurus, 1977.
- LUZ, Clemente. *Invenção da Cidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record; Brasília: INL, 1982.
- MENDES, Manoel. *Meu testemunho de Brasília*. 2 ed. Brasília: Thesaurus, 1997.
- MENDONÇA, Suzana Conceição. *Depoimento – Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. Entrevistada por Ana Cláudia Corrêa Brandão Gracindo e Marli Guedes da Costa.
- MENDONÇA, Suzana Conceição. *Depoimento – Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. Entrevistada por Ana Cláudia Corrêa Brandão Gracindo e Marli Guedes da Costa.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História. *Projeto*. São Paulo, n. 10, Dez./1993, PUC/SP.
- NUNES, José Walter; MAGALHÃES, Nancy Aléssio; CHAVES, Teresa Paiva. *Mãos à obra em Brasília*, documentário elaborado como trabalho de uma disciplina da graduação e um curso de extensão, realizados entre os anos de 1992-1993.
- OLIVEIRA, José Ferreira de. *Depoimento – Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. Entrevistado por André Rabelo de Sousa e Marli Guedes da Costa.
- PEREIRA, Luciano. *Depoimento – Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. Entrevistado por Ana Cláudia Corrêa Brandão Gracindo e Marli Guedes da Costa.
- SANTOS, Severino Manoel dos. *Depoimento – Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. Entrevistado por Ana Cláudia Corrêa Brandão Gracindo e Vera Lúcia Pereira Duarte.
- SEIXAS, Jacy Alves de. Os campos (in)elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica In BRESCIANI, M.S.M. et. all. (orgs.) *Razão e paixão na política*. Brasília: Editora da UnB, 2002.
- SILVA, Delcídes Abadia. *Depoimento – Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. Entrevistado por Vânia Lúcia Alheiro Rosa e Vera Lúcia Pereira Duarte.

SILVA, Ernesto. *História de Brasília*. Brasília, Coordenada / INL, 1971.

SILVA, José Cosme da. *Depoimento – Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. Entrevistado por Marli Guedes da Costa e Vânia Lúcia Alheiro Rosa.

SILVA, Manoel Pereira da. *Depoimento – Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. Entrevistado por Carlos Henrique Ferreira de Araújo e Marli Guedes da Costa.

SOEIRO, José Irismar. *Depoimento – Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. Entrevistado por André Rabelo de Sousa e Marli Guedes da Costa.